

## Editorial

Prezados Leitores,

A Revista Movimento retoma nesse número um tema que tem sido recorrente na sua história: o esporte. Retoma e amplia a base da discussão na medida em que contempla autores de outras áreas do conhecimento que não exclusivamente da Educação Física. Afinal, como anunciamos no último número, a Revista pretende publicar textos que fomentem a discussão sobre as temáticas afetas ao campo de conhecimento denominado Educação Física e suas interfaces com as ciências sociais e humanas.

Neste número, o esporte é discutido como um produto da cultura do nosso tempo que, ao produzir essa cultura, é também por ela produzido. Para tanto, contamos com a colaboração de autores e autoras de diferentes campos acadêmicos e de diferentes países. Vale ressaltar que temos o privilégio de contar com três textos internacionais, cujas pesquisadoras autorizaram tanto a sua tradução como a sua publicação, qualificando portanto, as discussões acerca da inserção do esporte em diferentes contextos políticos, econômicos e culturais.

Por sua abrangência e multiplicidade, o esporte é abordado aqui de forma diversa bem como diversos são os temas a ele relacionados: liderança, gênero, futebol, *rugby*, rodeios, escola, futebol comunitário, entre outros aparecem como objetos de investigação analisados, sempre, a partir de olhares advindos das ciências sociais e humanas. Esse número, portanto, se apresenta tendo como temática central o esporte cujos textos compõem um mosaico de idéias e palavras a nos dizer sobre esse importante fenômeno cultural da sociedade contemporânea.

Três dos textos publicados fazem referência ao esporte tendo como base teórica de análise o campo de estudos de gênero, dois deles de autoras internacionais. A antropóloga francesa, *Anne Saouter*, no artigo "A mamãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o *rugby*", nos apresenta um esporte com o qual te-

mos pouca familiaridade. Ao analisar o processo de socialização daqueles que identifica como sendo participantes da “família rugby” procura evidenciar as relações que se estabelecem entre homens e mulheres neste universo hegemonicamente identificado como masculino. Já a alemã, Gertrud Pfister, tematiza uma questão bastante relevante, tanto no plano acadêmico como político no que se refere à inserção das mulheres no campo esportivo, qual seja, a participação feminina em organizações esportivas. Na pesquisa “Líderes femininas em organizações esportivas - tendências mundiais” evidencia, sobretudo, que apesar do grande avanço que as mulheres obtiveram no mundo do esporte, quando se analisa a liderança feminina e a participação de mulheres em cargos diretivos há, ainda, muito a ser conquistado.

A Educação Física escolar é também analisada a partir do campo teórico de estudos de gênero no texto “Representando as relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora”, de autoria de Eliete do Carmo Garcia Verbena e Elaine Romero. Resultante de uma pesquisa realizada em uma escola da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais, as autoras discutem os estereótipos masculinos e femininos presentes nesse universo ressaltando que os argumentos presente nas falas dos sujeitos entrevistados quando se referem à agressividade ou à habilidade de um ou outro sexo para as práticas corporais e esportivas, demonstram uma representação estereotipada de gênero, representação esta construída historicamente em meio as tramas sócio- históricas e culturais.

A Educação Física escolar é tema ainda de uma pesquisa realizada por Jaison José Bassani, Danielle Torri e Alexandre Fernandez Vaz cujas considerações transitórias originaram o texto “Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades”. A partir de uma pesquisa efetivada em uma escola pública da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, os autores discutem a inserção desse conteúdo na instituição escolar ressaltando que sua permanência oscila entre discursos vinculados aos imperativos da competição e discursos sobre a formação humana via práticas esportivas.

O futebol, esporte qual o qual nossa cultura tem grande proximidade, também se faz presente nesta edição. No texto “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”, Arlei Sander Damo discute e critica o monopólio

temático exercido pelo futebol profissional fazendo ver que a narrativa hegemônica sobre o futebol, por vezes, oculta a diversidade futebolística delineada, pelo autor, a partir de outros modelos configuracionais tais como o futebol de bricolagem, o futebol comunitário e o futebol escolar. A hegemonização de uma representação de esporte também é alvo da discussão da socióloga Simone Pereira da Costa cujo artigo “Esporte e Paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil” nos fala de uma temática bastante original: o rodeio. Nos fala também da sua esportivização e da estruturação do que denomina de um “novo esporte”, o chamado rodeio completo, oficializado em 2001 como uma atividade esportiva sendo, por conseguinte, seus praticantes considerados atletas profissionais.

A socióloga portuguesa, Salomé Marivoet, por sua vez, analisa um tema já mencionado em outro texto desta edição: a participação desportiva. No entanto, o foco é outro. Trata-se, aqui, de uma análise sobre as assimetrias existentes entre os países europeus no que se refere a este particular. Tomando como base Portugal e Espanha, o artigo enfatiza que estas assimetrias resultam dos valores de cultura física e desportiva enraizados nos hábitos da população, assim como características socioeconômicas e políticas de cada país, portanto, de cada cultura.

Para encerrar este número contamos, ainda, com a publicação da resenha que Ricardo de Figueiredo Lucena fez sobre o livro “Esporte, lazer e estilos de vida”, de Marco Paulo Stigger identificando ser este um livro derivado de um extenso trabalho etnográfico cuja leitura apresenta-se como instigante e desafiadora

Leitura que convidamos você, leitor e leitora, a desfrutar a partir deste momento. Que essa edição da Revista Movimento apresente-se, também, plena de desafios e de outras possibilidades de olhar esse fenômeno cultural tão presente no nosso cotidiano.

Os editores